Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099

PEDAGOGIAS DO PATRIARCADO
PEDAGOGIES OF PATRIARCHY

Patrícia Serfaty[1]

RESUMO: Este artigo apresenta as pedagogias do patriarcado descrevendo-as como processos culturais que normalizam a dominação masculina e a violência contra a mulher. O objetivo principal consiste em examinar a instrumentalização de textos bíblicos como tecnologias simbólicas de sustentação da ordem patriarcal, muitas vezes praticada por homens comuns, sem antecedentes criminais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter interdisciplinar, que articula psicanálise, teoria social e estudos de gênero, empregando análise interpretativa, exegese e releitura crítica de narrativas fundadoras da mentalidade ocidental, especificamente as figuras de Lilith e Eva no livro de Gênesis para identificar a construção da "mulher ideal" versus a "mulher demônio". O filme *Garotos de Bem*, de Stefano Mordini, é tomado como recurso analítico para expor como homens se subjetivam em grupos e exercem violência como rito de afirmação da virilidade.

Palavras-chave: Misoginia; Patriarcado; Violência; Machismo; Psicanálise.

ABSTRACT: This article examines the pedagogies of patriarchy, describing them as cultural processes that normalize male domination and violence against women. The central problem lies in the deeply rooted cultural, religious and social teachings that convey sexist behaviors and normalize male violence, often perpetrated by ordinary men without criminal records. The study aims to analyze the instrumentalization of biblical texts as pedagogies that foster female submission as a divine commandment. . Methodologically, the research aims a qualitative, interdisciplinary research that articulates psychoanalysis, social theory and gender studies, employing interpretative analysis, exegesis, and critical rereading of foundational narratives of the Western mentality, specifically the figures of Lilith and Eve in the book of Genesis, to identify the construction of the "ideal woman" versus the "demon woman." The film "La Scuola Cattolica," by Stefano Mordini, is used as an illustration to show how men subjectify themselves in groups and exercise violence as a rite of affirmation of virility.

Keywords: Misogyny; Patriarchy; Violence; Sexism; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O patriarcado é um sistema político-social hierarquizado fundamentado em estruturas e relações de poder que estabelecem o domínio dos homens sobre as mulheres, masculinidades não dominantes e outros sujeitos que não se encaixam nas normas de raça,

[1] Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pela UFRJ, Mestra em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, Mestra em Psicanálise e Liderança pela UFF, Especialista em Alfabetização Emocional. Psicanalista Membra da Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self (ABEPPS). Membra do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-Rio), International Association for Psychoanalytic Self Psychology Member (IAPSP), Membra da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB)/ Pesquisadora em Violências e Subjetividades, Membra do Núcleo de Pesquisas e Práticas em Psicanálise Não Patriarcal, Professora da Casa do Saber.

gênero e orientação sexual. O que é posto em destaque é a violência dos homens sem antecedentes criminais, homens que supostamente foram educados para respeitar as mulheres. Homens comuns que são capazes de romper critérios de humanidade. No sentido de trazer à luz as violências cometidas no espaço doméstico ou ambientes aparentemente seguros, cultivo a psicanálise de denúncia, de exposição da violência dos "homens de bem", nos quais também estão inseridos os homens que se calam diante dos abusos cometidos por seus amigos e familiares. Homens que acolhem socialmente os homens violentos sob o pretexto de que o importante é que não reproduzem os comportamentos desviantes; homens que não denunciam seus comparsas por lealdade cega; homens que desconversam os abusos de outros homens e falam de si, de seus pais e avós como homens bons e que, a partir de seu universo diminuto, se trazem como exemplo desvalidando o sofrimento feminino, desviando o foco da violência para banalizar comportamentos inaceitáveis. Homens que silenciam e não se posicionam no intuito de se defenderem enquanto classe. Tudo isso é aprendido socialmente por meio das pedagogias do patriarcado.

Este artigo tem como objetivo analisar as pedagogias do patriarcado como processos culturais que normalizam a dominação masculina e a violência contra as mulheres, examinando, em especial, a instrumentalização de narrativas bíblicas como tecnologias simbólicas de sustentação da ordem patriarcal, bem como seus efeitos na constituição subjetiva e nas relações de gênero.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter teórico e interdisciplinar, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa. O percurso analítico articula contribuições da psicanálise, da teoria social e dos estudos de gênero, utilizando procedimentos de análise interpretativa e exegese crítica de narrativas fundadoras da cultura ocidental, com ênfase nas figuras de Lilith e Eva no livro de Gênesis. Como recurso complementar, emprega-se a análise do filme *Garotos de Bem*, de Stefano Mordini, visando ilustrar processos de subjetivação masculina e práticas de violência como rituais de afirmação da virilidade no contexto das pedagogias do patriarcado.

As pedagogias do patriarcado são ensinamentos culturais enraizados que incorporam a lógica masculina de dominação e transmitem comportamentos sexistas e de opressão à mulher, normalizando o modo perverso de os homens se relacionarem com o feminino mediante as violências exercidas em diversas instâncias. Pensando o inconsciente cultural

como um conjunto de valores que vigoram em determinada cultura e que as pessoas assimilam, é possível compreender o modo como essas pedagogias se tornam exitosas no contexto das ideologias contidas na simbologia dos textos sagrados que inoculam uma moral impregnada pelos valores patriarcais e que simbolicamente se configuram como um julgamento de valor da masculinidade hegemônica. Winnicott (2021) expõe como a experiência cultural inculca um dogma sobre a estrutura histórica do inconsciente: a suposta inata inferioridade das mulheres e seu destino à submissão. O conceito de experiência cultural de Winnicott (2021) traduz o fenômeno que se inicia no lúdico e conduz ao domínio da herança humana, que inclui as artes, os mitos da história, o pensamento filosófico, o manejo dos grupos e da religião

Pedagogia patriarcal é o que entendemos pelos conteúdos que introjetam a superioridade masculina como normatividade e a construção de um feminino resignado e servil. Nesse contexto, mulheres aprendem "a contentar-se com qualquer atenção positiva que os homens forem capazes de oferecer. Aprendem a supervalorizá-la. Aprendem a fingir que é amor. Aprendem a não dizer a verdade sobre os homens e o amor" (hooks, 2025, p. 22-23). Nos mais variados contextos, tais pedagogias inoculam suavemente sua doutrina por meio de filmes, novelas, romances, músicas, e, no contexto contemporâneo dos fenômenos digitais, as comunidades de homens desiludidos com suas vidas afetivas e sociais que realizam uma doutrinação de ódio ao feminino, como *incels*, *redpills*, *mgtow* e uma série de formações discursivas disponíveis na *manosfera*. Ademais, temos a instrumentalização dos textos bíblicos cujas narrativas são desvirtuadas para situar o homem no topo da hierarquia na criação, como o dominador de um mundo que supostamente foi criado para ele.

1. GAROTOS DE BEM: uma ilustração

Podemos ser homens sem fazer o mal?
John Stoltenberg

O filme *Garotos de bem*, dirigido por Stefano Mordini, é baseado em fatos reais e apresenta um crime hediondo ocorrido em Roma, no ano de 1975, que traz elementos que expõem como os homens se subjetivam nos grupos da masculinidade, o que a autora Zanello (2018) denomina "A Casa dos Homens". Kimmel (2016, p. 221) sublinha que "a

masculinidade pode ser definida como uma coleção variável e constante de significados que os homens constroem consigo mesmos, com outros homens e com o mundo". Essa história põe em evidência a necessidade constante de a masculinidade ser provada perante outros homens, no sentido de ter comprovada sua antifeminilidade. "As mulheres devem ser desejadas, mas nunca se deve desejar ser igual a elas" (Zanello, 2018, p. 221). Três alunos de uma escola católica, exclusiva para meninos de famílias ricas, cometem um crime bárbaro que estarrece a comunidade. Dois rapazes convidam duas moças para assistir a um filme, mas desvirtuam o convite na porta do cinema convidando-as para contemplar o pôr do sol na casa de um terceiro amigo. Chegando ao local, as duas jovens são mantidas na casa sob a mira de uma arma de fogo. Além de serem ameaçadas, são repetidas vezes estupradas sob golpes e tortura psicológica. O ritual violento culmina na morte de uma das adolescentes. Após a destruição de seus corpos, abuso sexual e psicológico continuado, as jovens são envolvidas em plástico e jogadas na mala do carro para descarte no dia seguinte.

> Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes – variante desclassificada da visita coletiva ao bordel, tão presente na memória dos adolescentes burgueses - têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência, isto é, fora de todas as ternuras e todos os enternecimentos desvirilizantes do amor, e elas manifestam de maneira ostensiva a heteronomia de todas as afirmações da virilidade, sua dependência com relação ao julgamento do grupo viril (Bourdieu, 2019, p. 90-91).

Os gritos da vítima sobrevivente foram ouvidos pela polícia que fazia a ronda noturna. A jovem pernoitou na mala do carro estacionado na rua, uma vez que os agressores supunham que ambas estavam mortas. Ser violento com as mulheres é um exercício de masculinidade (Jablonka, 2021). "O privilégio masculino impõe a todo homem o dever de afirmar sua virilidade, entendida como capacidade reprodutiva sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência" (Bourdieu, 2019, p. 88). O campo da sexualidade se mantém como um dos pontos fundamentais de expressão de dominação, de afirmação masculina, bem como formação do homem viril e de construção de sua identidade (Zanello, 2018). A ideia fantasística dos homens sobre masculinidade não pode ser dissociada da violência e da subjugação, a forma com que os homens se sentem um ser real. Como classe, os homens nunca se sentem mais reais do que quando seus pênis estão eretos e penetrando

— e nunca se sentem menos reais do que quando seus pênis estão flácidos (Stoltenberg, 2016).

O elemento perverso presente no abuso implica necessariamente uma relação de poder que comporta uma ascendência, um domínio que se sustenta sob a ascendência do abusador sobre o abusado. Racamier (2012) afirma que essa modalidade de relação perversa se baseia na recusa da autonomia do objeto – um aspecto do funcionamento da mente que se inscreve como transtorno no modo relacional. A masculinidade hegemônica não pode se ver confrontada com a ameaça de castração. Na fala de um dos agressores, que faz o narrador no início do filme *Garotos de bem* (Mordini, 2021, 03:25 a 4:48 min), estão presentes aspectos de como os meninos foram socializados naquela sociedade: "Essa história dizia respeito a todo nós. Nossa educação, nosso bairro, nossa escola. As meninas não eram aceitas. Éramos todos meninos criados em um bairro residencial de Roma. Filhinhos de papai". Hirigoyen (2006, p. 124) pontua que "os comportamentos violentos são adquiridos por observação dos outros e se mantêm quando são valorizados socialmente".

Nos primeiros minutos do filme, testemunhamos um *bullying*, cena em que um aluno é torturado por seus colegas nas dependências da instituição educacional, violência que fazia parte da rotina escolar. "Em 1975, a violência era comum", confessa o narrador. Mais adiante, as regras da masculinidade hegemônica são expostas: "Dominar para não ser dominado". Na cena do *bullying*, o rapaz é chicoteado e humilhado pelo grupo. O exercício da masculinidade se dá ao exercer controle sobre os corpos que eles depreciam. O jovem atacado representava o rapaz emasculado, representante das masculinidades de não dominação que estão na mira do patriarcado. "Garotos são com frequência sujeitados a abusos quando seu comportamento não está em conformidade com noções sexistas de masculinidade" (hooks, 2022, p. 113). Outro ponto a destacar na narrativa é que, na sociedade patriarcal, a família é o núcleo das patologias. "Quando um homem é educado por um pai violento, sua organização psíquica é modificada, e o recurso à violência passará a fazer parte de seu modo de viver" (Hirigoyen, 2006, p. 124). O menino irá adquirir o hábito de reagir com violência todas as vezes que sentir necessidade de aliviar suas tensões internas ou se valorizar. O pai de um dos agressores oferece uma doação para que o filho não receba a sanção. Porém, se os atos violentos não receberem sanções, não haverá razão para que não voltem a acontecer. Pelo comportamento do pai do menino, percebe-se que ele desconsidera o episódio de tortura

atuado por seu filho. O que se apreende na dinâmica relacional dessa família é que ela se sustenta na negação da alteridade. O rapaz é repreendido por envergonhar o pai, não pela conduta agressora, mas por ter sido pego, por sua inabilidade social de sair ileso. O pai o pune fisicamente por ter maculado sua imagem narcísica. O núcleo perverso da masculinidade hegemônica é "a incapacidade de considerar os outros como seres humanos" (Hirigoyen, 2014, p. 14). Trata-se de um ego sem preocupação e sem culpa.

À noite, os jovens se reúnem para beber e celebrar os atos de violência como exposição da virilidade. Rituais que fabricam o masculino. "O aprendizado masculino também é coletivo e público, através de ritos de passagem em que os códigos de gênero são transmitidos aos jovens. A iniciação entre os homens é um dos grandes princípios da masculinidade de dominação" (Jablonka, 2021, p. 89). A experiência de como ser homem está permeada pelo medo da entrega e da exposição da afetividade. No sentido de não entrar em contato com a vulnerabilidade, o homem precisa dominar. "A ideia de dominação, não apenas de mulheres, mas de outros sujeitos sociais, considerados como pertencendo a hierarquias inferiores" (Zanello, 2018, p. 178) o que pode mudar em importância ou significado a depender do momento histórico. Bourdieu (2019) menciona que, para a masculinidade, o amor é percebido como desvirilizante: o medo de perder a estima ou a consideração do grupo se deve ao temor de cair na categoria de "fracos" ou "delicados", gerando pânico de ser excluído do universo dos homens. O medo da feminilidade ou do "afeminar-se" se refere ao medo da própria fragilidade. A masculinidade hegemônica se constitui no delírio de invulnerabilidade. Privilegiando ter sua virilidade validada por outros homens, a masculinidade não consegue construir um território de intimidade com o feminino. Segundo Winnicott (2021a), a saúde mental estaria relacionada à confiabilidade ambiental.

Desse modo, a saúde mental das mulheres está comprometida de forma permanente, uma vez que, não existindo a igualdade de gênero, não pode haver segurança emocional e bem-estar psíquico. Ainda que nosso contexto se dê no âmbito relacional entre gêneros, tal violência pode ocorrer dentro do próprio gênero feminino. O desmantelamento do patriarcado implica desmontar a masculinidade adoecida, que nega a vulnerabilidade em si e projeta o que é frágil e vulnerável no outro. Winnicott (2020) aborda o ódio ao feminino ancorado no medo de dependência da mulher. No início, todas as pessoas foram dependentes de uma mulher e, mais tarde, mais ou menos dependentes. Homens e mulheres: "ambos em

alguma época dependeram da mulher, e de alguma forma o ódio dessa situação tem que se transformar numa espécie de gratidão para que a pessoa possa alcançar a maturidade plena" (Winnicott, 2021(a), p. 229). Há um fenômeno denominado Mulher, que é a mãe não reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher. "O medo da mulher se transforma em medo de reconhecer a dependência" (Winnicott, 2021a, p. 148).

2. A DOMINAÇÃO E SUBJUGAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS COMO LINGUAGEM ERÓTICA

> "Ama-me, mesmo sabendo que eu faço tudo para não ser amado e para destruir-te"
> (Dorey, 1981, p. 128)

Proponho pensarmos em que momento o menino se insere na confraria dos homens que odeiam as mulheres, amando somente o que delas podem extrair: cuidados ou sexo. Há um destino social endereçado às mulheres baseado em marcadores sociais, ou seja, como os homens classificam seus corpos ou seu clã. Referenciando Freud (1912/2017) na obra *Sobre a mais comum depreciação da vida amorosa*, os corpos do objeto eleito, objeto qualificado para a procriação e matrimônio, estariam ligados no inconsciente aos objetos incestuosos, a mãe e a irmã, e que ao mesmo tempo podem estar atrelados ao prestígio e privilégio concedidos ao vínculo por união a determinadas famílias que podem torná-lo socialmente apreciado – discussão apresentada por Bourdieu (2019) na qual a mulher pode ser tratada como objeto na economia dos bens simbólicos. A mulher enquanto capital simbólico pode lançar o homem que a desposa numa posição social de prestígio ao inseri-lo em seu clã. Em contrapartida, o grupo de mulheres destinadas a exercer atividades produtivas, condenadas a permanecer na obscuridade do trabalho monótono e da servidão, não podem conceder alianças através das quais os homens ascendam socialmente. Adicionalmente, seriam os corpos do objeto considerado pela masculinidade hegemônica, como sexualmente depreciados, corpos que o homem julga inferior e cujo menosprezo aumenta a potência sexual. Freud (1912/2017, p. 352-353) anuncia que a vida amorosa dos homens fica fendida em duas direções, "quando amam não desejam, quando desejam não podem amam". A fim de manter sua sensualidade aumentada buscam objetos que não podem amar, pois subjugar os corpos seria o que intensifica a potência sexual masculina (Stoltenberg, 2016).

Na obra os *Três ensaios da sexualidade*, Freud (1905/2006) faz referência à dimensão de domínio presente no masculino através da ideia de inclinação a subjugar, o que é próprio do sujeito sádico, ou seja, quando a satisfação sexual é exclusivamente condicionada pela sujeição e pelos maus-tratos dirigidos ao outro. Desse modo, o sadismo seria um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão de morte. Freud (1905/2006, p.146) destaca a "necessidade de vencer a resistência do objeto sexual", de outra maneira que não o ato de cortejar, como componente da sexualidade da maioria dos varões que exibe uma mescla de agressão e de inclinação a subjugar. A submissão aparente das mulheres se dá devido ao fato de terem ficado condicionadas aos maus-tratos a que foram postas sob opressão, a estratégia de adaptação visa a sobrevivência. Ao ser posta de forma continuada "em um estado de extrema impotência, do qual não tem saída, defesas específicas se erguem nela e pode desenvolver-se um sentimento de identificação com o agressor" (Hirigoyen, 2006, p. 102). É recorrente o comportamento de mulheres que defendem os homens que as maltratam e voltam para seus agressores adaptando-se ao modelo mental de seu parceiro. Perdem a noção do que é bom ou mau, justo ou injusto. Isso se dá devido à dinâmica relacional que a masculinidade exerce no primeiro tempo do relacionamento, se utilizando da sedução narcísica, momento em que o relacionamento parece suprir todos os hiatos afetivos, mediante uma nuvem de cuidados, atenções e afetos que logo se dissipa. Em seguida, o agressor inicia o processo de rebaixamento e desvalorização da vítima para, no terceiro ato do relacionamento, torná-la esvaziada de seu eu. Imersas em uma construção social enrijecida nos moldes do patriarcado, as mulheres permaneceram adormecidas psiquicamente, desamparadas diante do projeto continuado de dominação masculina que se consolida mediante a violência simbólica.

> A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de mais que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural... (Bourdieu, 2019, p. 64).

O pensamento patriarcal é uma espécie de letramento incutido na mulher desde idade precoce lançando-a no lugar inarredável da renúncia e da servidão, programadas para

privilegiar o cuidado com o outro, de maneira que se enquadrem no padrão de feminino apreciável. As mulheres foram socializadas ao longo dos tempos para acreditar que devem se disponibilizar integralmente aos cuidados do homem e dos filhos, sustentando com sua força de trabalho um lar que torne a vida mais fácil para o homem no espaço público. As relações sexuais sempre foram percebidas como obrigações conjugais, independentemente do tratamento recebido do parceiro. Por outro lado, ao ser recusado sexualmente pelo objeto, o homem se vê confrontado com o sentimento de rejeição e sua violência pode se intensificar. O domínio e subjugação violenta do objeto se apresentam como resposta ao sentimento de desvalor de si.

> O domínio e uso da vítima não implicam primariamente uma busca de prazer sexual, mas a afirmação de onipotência narcísica com o intuito de combater qualquer ressurgimento repentino de uma angústia de passivação aterrorizante vivenciada nos primórdios da vida psíquica... (Serfaty, 2024, p. 42).

O ponto exato que buscamos salientar está na frequência com que homens que circulam em espaços que frequentamos, sob a pele de “bons rapazes”, podem incorrer em comportamentos naturalizados de violência contra a mulher. No contexto da cultura ocidental, a masculinidade fabricou uma imagem ideal de si onipotente, fundada no delírio de invulnerabilidade. Embora possamos dizer que a masculinidade hegemônica se distingue de outras masculinidades, existe uma série de expectativas e papéis que os homens desejam corresponder para validar seu lugar no topo dessa hierarquia. Quanto mais próximos do cume da pirâmide hierárquica da masculinidade, mais tóxicos e machistas tais homens se revelam. A confraria machista demanda comportamentos que validem sua posição reverenciada no grupo (Zanello, 2018).

No sentido de pensar o centro da questão em relação aos numerosos casos de abuso e violência sexual contra mulheres e crianças, nos reportamos à obra de Bourdieu (2019) que apresenta o ato sexual como fundador da relação de dominação masculina articulado ao texto mítico de Gênesis. Destacamos uma ponderação crítica de Mathieu (2014) ao mencionar a frequência com que Bourdieu se refere ao pensamento e aos ritos míticos se deslocando para o inconsciente social, privilegiando este como mecanismo principal de dominação. Contudo, “mitos e ritos não se enquadram apenas no inconsciente. Eles frequentemente incluem discursos e práticas claramente enunciados sobre a necessária desigualdade entre os sexos e

a obrigação de obediência das mulheres" (Mathieu, 2014, p. 71). A autora destaca como o termo "condição feminina" aparece ao menos sete vezes no texto de Bourdieu, termo que desapareceu voluntariamente da literatura feminista há séculos, pelo motivo de não se deixarem confinar a uma categoria de "mulheres", incorrendo no equívoco de defender um particularismo falso.

A mulher é um objeto/sujeito invisível, e não um fechamento em uma categoria ou expressão globalizante. Uma crítica adicional apresentada por Mathieu (2014) diz respeito ao conceito de violência simbólica já mencionado anteriormente, no qual Bourdieu distorce e caricatura o pensamento dos movimentos feministas ao afirmar de várias formas que não há conspiração intencional por parte dos homens, insistindo na incorporação inconsciente por ambos os sexos dos esquemas inconscientes de dominação masculina. Cultivar o pensamento de que as mulheres aderem a essa modalidade de violência, assim como os homens, leva a efeitos de simetrização das duas categorias, levando à sugestão de que as mulheres exercem sua opressão tanto quanto os homens exercem a dominação, mas inconscientemente. De acordo com Mathieu (2014), o modo como o autor aborda a forma incorporada da relação de dominação faz com que essa relação pareça natural.

Ao focar exclusivamente na internalização da dominação pode-se negligenciar a dimensão da exploração e da violência vivida pelas mulheres, reduzindo a complexidade da dominação masculina a uma questão de internalização de normas e disposições. Em outras palavras, Mathieu (2014) questiona se essa internalização é suficiente para explicar a persistência da dominação e se o autor não estaria negligenciando a dimensão da exploração e violência vivida pelas mulheres na análise da dominação masculina. Não obstante o ponto de tensão entre os supracitados autores, propomos como objeto de discussão, no próximo subcapítulo, pensar as pedagogias que reforçam a construção do feminino patriarcal nas mulheres através de um texto bíblico que se constitui como referência literária e texto formador da nossa mentalidade ocidental, através de alegorias que constroem nossas narrativas de referência, legitimando a relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres por intermédio de um ideal de feminilidade ancorado na submissão. Sendo o primeiro livro impresso e disseminado, a pedagogia bíblica ganhou amplitude ao apresentar em sua narrativa interpretações que fomentam a subjugação da mulher como um mandamento impetrado por um Criador. Diante da figura simbólica de um Deus que criou o

universo, referência máxima de poder que estabeleceu a "ordem do mundo", a dominação masculina torna-se, desse modo, um projeto indefectível realizado mediante o trabalho incessante que objetiva a eternização do sistema patriarcal.

O livro de Gênesis apresenta um código de defesa do patriarcado propagando as experiências e valores simbólicos que lançam a mulher no lugar da maldição, daquela que traz o mal ao mundo. A história mítica da criação introjeta o ódio ao feminino, na qual a primeira mulher é demonizada devido à sua erotização e a segunda mulher foi lançada ao servilismo como punição à desobediência. Nos dois cenários, a mulher é obrigada a renunciar a seu desejo, sua autonomia é recebida como transgressão imperdoável. Desse modo, o livro fundador da civilização ocidental é inaugural na instauração da aversão ao feminino maculando o protagonismo da mulher, concedendo à primeira o *status* de demônio e à segunda a responsabilização de ruptura do equilíbrio.

3. A PRIMEIRA MULHER: a erotização feminina como anátema

Nesse ensaio trago como objeto de discussão a bíblia como um marco civilizatório e texto formador da nossa mentalidade ocidental, através de alegorias que constroem nossas narrativas de referência, legitimando a relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, posto que, o ideal de feminilidade cunhado pela masculinidade opressora está ancorado na submissão. Sendo o primeiro livro impresso e disseminado, a naturalização da violência é validada através de interpretações que colocam a subjugação da mulher como um mandamento impetrado por um Criador que estabelece a "ordem do mundo", tornando-se, desse modo, um projeto indefectível e continuado do sistema patriarcal. O livro de Gênesis aporta as modalidades das experiências e valores simbólicos que lançam a mulher no lugar da maldição, daquela que traz o mal ao mundo. A história mítica da criação inocula o ódio ao feminino, na qual a primeira mulher é demonizada devido à sua erotização e a segunda mulher foi lançada ao servilismo como punição à desobediência. Nos dois cenários, a mulher é obrigada a renunciar a seu desejo, sua autonomia é recebida como transgressão imperdoável. Desse modo, o livro fundador da civilização ocidental inaugura oficialmente a instauração da aversão ao feminino maculando o protagonismo da mulher, concedendo à primeira o *status* de demônio e à segunda a responsabilização de ruptura do equilíbrio.

O texto de Gênesis, da forma como é apresentado no ocidente, se constitui como pedagogia do heteropatriarcado, uma mitologia androcêntrica. A mitologia bíblica da cultura ocidental intenciona ocultar a história de Lilith, a primeira mulher, aquela que não é uma parte do homem, mas uma criação independente. A mulher que não foi retirada de sua costela, que foi criada do mesmo pó que o homem na condição de paridade de gênero, segundo o que nos é apresentado no enigma: "E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea criou-os" (Gênesis, 1: 27, p. 3). No livro do Esplendor, Zohar, o primeiro homem era macho e fêmea concomitantemente. No sentido psíquico, a estrutura afetiva e sexual do homem incluía o aspecto feminino, e por isso foi dito "macho e fêmea os criou". Prosseguindo nessa alegoria do texto bíblico: 'E viu Deus tudo o que fez e eis que era muito bom; e foi tarde e foi manhã, o sexto dia" (Gênesis, 1: 31, p. 4).

A primeira mulher era sensualizada e insubmissa, a mulher erotizada que perturbava o homem quando eles se uniam na carne. Lilith perguntava a Adão "Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo? Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual" (Sicuteri, 1985, p. 35). Lilith pede para inverter as posições sexuais com o intuito de estabelecer uma paridade, "uma harmonia que deve significar a igualdade entre os dois corpos e as duas almas" (Sicuteri, 1985, p. 35) ao que Adão responde com recusa, ele deve estar simbolicamente "por cima". A posição amorosa na qual a mulher se põe sobre o homem é condenada. Todavia, Lilith não se admitiu inferior, rejeitando tal imposição. A partir daí, temos a perda da unidade e conexão dos dois sexos na pessoa única do homem, quando se impõe que a mulher deve ser reprimida e comprimida sob a autoridade do macho. Diante da insubmissão e tentativa de reconquistar sua paridade, Lilith é apontada não mais como mulher, mas como um demônio: o produto simbólico da remoção patriarcal.

A primeira mulher sofre a agressão brutal do silenciamento, a violência no registro da indiferença, na qual suas necessidades não são consideradas. Lilith é ignorada em sua proposta de paridade e obrigada a aceitar a supremacia do desejo masculino que se constitui na via única do próprio prazer. Assim, ela renuncia ao relacionamento quando se opõe ao lugar da subjugação. No texto bíblico, identificamos uma pedagogia que vai ao encontro do pensamento de Bourdieu (2019, p. 64) que destaca o homem como dominador cunhado na bolha do privilégio absoluto, "os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista

dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais". A naturalização da violência é validada na alegoria bíblica. O ato sexual pode ser pensado em função do princípio do primado da masculinidade, em que a posição considerada normal é aquela em que o homem "fica por cima". A primeira mulher, insubmissa, opõe-se à segunda mulher, domesticada, a reparadora do narcisismo masculino, criada por exigência do homem e em conformidade com a hierarquia fundamental da ordem social e da ordem cósmica, lugar da dominação legítima do princípio masculino sobre o princípio feminino. "O ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse" (Bourdieu, 2019, p. 40). No contexto da alegoria apresentada, ao inverter a posição, é a mulher que o domina e o diminui em sua virilidade. Nesse sentido, é possível constatar a distância entre as expectativas prováveis dos homens e das mulheres no que tange a sexualidade. A dificuldade em produzir intimidade do masculino, se contrapõe à diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e intensamente carregada de afetividade, o que de acordo com Bourdieu (2019):

> não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades como: falar, tocar, acariciar, abraçar etc. Os homens tendem a compartimentar a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo, físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo (Bourdieu, 2019, p. 40-41).

Para o autor, o gozo do masculino consiste em dominar no sentido de submeter ao seu poder, trata-se do poder de fazer gozar o feminino. Os homens esperam o orgasmo feminino como uma prova de sua virilidade e do gozo garantido por meio da submissão. Assim, o desejo masculino é construído como desejo de posse e de dominação erotizada, enquanto o desejo feminino é concebido como erotização subordinada (Bourdieu, 2019). Desse modo se estabelece a díade sexualidade-poder, por meio da construção simbólica que legitima a relação de dominação masculina outorgada pela boca do Criador, que fora, inversamente, criado pela sua criatura, o homem criou Deus à sua própria imagem, imagem de onipotência e delírio de invulnerabilidade.

4. A SEGUNDA MULHER: Eva como ideal de feminino exaltado pelo patriarcado

No sétimo dia, após a recusa definitiva de Lilith retornar a Adão, Deus disse:

> Não é bom que esteja o homem só... E fez o Eterno Deus cair um sono pesado sobre o homem e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e fechou com carne o seu lugar. E fez o Eterno Deus da costela que tinha tomado do homem, uma mulher, e a trouxe ao homem (Gênesis 2,21-22, p. 6).

Nesse segundo momento é retirada uma costela de Adão, é removido seu aspecto feminino que ao final do sexto dia Deus viu "que era muito bom". A partir dessa alegoria, o macho vive suas relações amorosas em alienação afetiva. O homem atribui a vulnerabilidade como algo externo a si, projetando e atribuindo ao feminino tudo o que é frágil em si mesmo, lançando a mulher forçosamente, no lugar da passividade. O outro não é mais reconhecido como outro em si mesmo, mas se torna essa parte negativa de si sobre a qual projeta suas imperfeições. Ao forjar sua virilidade despoja-se de tudo aquilo que poderia restar de feminino em si próprio. A partir desse ponto, se estabelece a relação de dominação que está na base da divisão socialmente construída entre os sexos. Assim, é criada uma "ordem natural das coisas", como um destino inescapável adesivado à experiência do viver na pele do masculino e do feminino que afeta a forma como se apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, que ganham reconhecimento incontestável e legitimação. A postura submissa imposta à mulher forja a feminilidade de acordo com os moldes da mulher idealizada pelo patriarcado. Através da arte de fazer-se pequena, a mulher deve corresponder a uma estética do feminino: a docilidade, a tolerância excessiva, a postura ao caminhar e sentar-se, a maneira de baixar os olhos e a cabeça, mostrar-se amável e compreensiva, baixar o tom de voz. Em troca de amor, a mulher se submete à domesticação. O amor, em nossa cultura, se apresenta como a forma mais potente e invisibilizada de apropriação e desempoderamento das mulheres (Zanello, 2018).

Considerando tal configuração, a mulher é amada pelo que ela faz, e não pelo que ela é. Nesse ponto do texto bíblico constatamos que foi a primeira mulher quem ouviu a proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Eva (Chava) não estava presente durante a menção do decreto do Criador. Então, a primeira mulher, retratada

como uma serpente, o símbolo da razão, da dúvida e da coragem de questionar; retorna e oferece o fruto proibido revelando a Eva que seus olhos se abririam e ela conheceria o bem e o mal, assim como Deus. Um chamado a despertar para a condição de submissão que Eva seria lançada, um alerta a subverter a relação de dominação e escapar ao destino de seu apagamento como condição para ser amada. Contudo, no paraíso bíblico o conhecimento é pecado, as mulheres devem permanecer em ignorância se quiserem fazer parte dele; pensar por conta própria é uma ameaça aos homens, mulheres devem obedecer.

Na cultura patriarcal é introduzida a figura da mulher insubmissa como a representação do mal, a rivalidade feminina seria inata nas mulheres, como se Lilith invejasse o lugar "privilegiado" de Eva, o lugar de submissão. E, assim, no construto patriarcal, foi fabricada uma inimizade entre as duas mulheres e seus descendentes. "E inimizade porei entre ti e a mulher, e entre a tua semente e entre a sua semente; ela te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gênesis, 3,15, p. 8). O patriarcado estimula a rivalidade feminina e enaltece o lugar da mulher ideal como o posto da servidão. Os conceitos de sororidade e dororidade nunca foram tão urgentes ao despertar feminino que Lilith convoca. A ligação entre mulheres não é possível dentro do patriarcado, pois o feminino é socializado para competir pela aprovação masculina. "A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma" (hooks, 2022, p. 36). Adicionalmente, cabe pontuar o conceito de dororidade de Piedade (2017) como o sofrimento da mulher negra embasado na opressão de raça, que além do machismo necessita dar conta do enfrentamento da violência do racismo.

À Lilith, representante simbólico da mulher insubmissa e desperta é destinada a retirada do afeto. A violência simbólica é exercida como mecanismo de domesticação das mulheres, que ativa o dispositivo da culpa por meio do silêncio hostil e embotamento emocional causado pelo distanciamento afetivo. Tal violência não é percebida como ataque direto por se encontrar no registro da indiferença, mas repercute no psiquismo da mulher como um desencontro afetivo brutal. A remoção do diálogo, frequente no comportamento masculino, é um modo de esquivar-se de sua parcela de responsabilidade no conflito instalado. Nada é nomeado, tudo fica subentendido. O blecaute de informações reais é essencial para reduzir a mulher à impotência (Hirigoyen, 2014). "Não há comunicação direta porque não se discute com coisas" (Hirigoyen, 2014, p. 112).

Por outro lado, a desobediência masculina evidenciada na ausência de comprometimento com seu Deus é tamponada; mesmo após ter ouvido da boca do próprio Criador a proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o homem acusa a mulher e se isenta de responsabilidade, "a mulher que deste para mim, deu-me da árvore e comi" (Gênesis, 3, 12, p. 8). Conforme presenciamos de forma recorrente ainda nos tempos atuais, a dificuldade em reconhecer-se responsável pelos próprios atos é uma peculiaridade habitual na masculinidade no que se refere aos relacionamentos, prevalecendo a precariedade no que diz respeito à responsabilidade emocional. A mulher foi responsabilizada, sem sequer estar presente no momento da pronunciação divina. Alienação e embotamento da identidade é o preço pago pelas mulheres para estar numa relação amorosa, "O amor como dominação aceita" (Bourdieu, 2019, p. 178).

O corpo da fêmea é disponibilizado ao homem, a ela é destinado o papel de procriadora e objeto de desejo "Multiplicarei teu sofrer e tua concepção; com dor darás à luz filhos; e para teu marido será o teu desejo e ele dominará em ti" (Gênesis, 3, 16, p. 8). Na mulher é inculcada a ideia de que é seu dever satisfazer o desejo do homem, de forma que foram desencorajadas na investigação do próprio prazer, mediante a concepção ocidental de pecado original. Interpretação que não encontra ressonância no texto original, no qual Chava significa "vida", "mãe de todo vivente", em oposição à construção da exegese ocidental considerando Eve (Eva) relacionada a Evil, o "mal". Nesse mesmo contexto, a palavra Adam não se refere na cultura de origem oriental a um nome masculino, mas significa "pessoa". Adam Errad foi a "primeira pessoa" da criação. Contudo, no ocidente a masculinização do nome retrata a monopolização do sagrado, como um projeto de poder arquitetado pelo patriarcado.

A partir do acerto de contas com o divino, o desejo feminino deveria restringir-se à submissão ao prazer do macho. Ao homem, Deus estabeleceu "com o suor de teu rosto comerás pão; até teu voltar para a terra, pois dela foste tomado; porquanto tu és pó, e ao pó hás de tornar" (Gênesis, 3, 19, p. 9). A punição do homem não recai sobre seu próprio ser, mas a terra torna-se maldita devido à sua desobediência; seu corpo não está em jogo. A maldição é algo externo a si. De modo que ao situar-se no topo da hierarquia de gênero poderá subjugar outros corpos para que seu trabalho seja executado por terceiros. "A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação

masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, divisão bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, ...” (Bourdieu, 2019, p. 24). As relações de poder se expressam nessas oposições fundadoras da ordem simbólica. As alegorias das histórias míticas mitigam a violência exercida contra a mulher através de uma determinação espiritual que tenta desculpar os homens pelas variadas modalidades de violência e negligência. Podemos, portanto, constatar através dessas narrativas o componente simbólico da desobediência da mulher como imperativo da sobrevivência psíquica feminina. Conforme nos aponta Lilith – e reforçado nas ponderações de Jablonka (2021) – feminismo é insubordinação.

“O feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2022, p. 13) não se trata de um movimento de mulheres contra os homens. Pensando as interseccionalidades, faz-se necessário realizar ajustes às releituras das modalidades de opressão considerando as diferentes experiências do viver na pele do feminino. Conforme Lugones (2014) destaca, os marcadores sociais de raça, etnia, classe social e orientação sexual conferem diferentes contornos ao lugar de sofrimento e subjugação das mulheres. Sublinhando que as mulheres que gozam os privilégios branco-burgueses, sem dúvida, não representam uma unidade na opressão, pontuamos a existência de uma maioria racializada: as mulheres negras, indígenas, imigrantes, não-heteronormativas e não brancas que estariam excluídas da categoria de objeto eleito de procriação e constituição da prole branca. Corpos destinados à força de trabalho, ao abuso e ao estupro. Faz-se necessário evidenciar que a concepção do feminismo como algo universal unificador se desfaz mediante a consideração das mulheres provenientes de grupos subalternizados ou sub-representados (Lugones, 2014).

Considerando as diferentes opressões vividas na pele do feminino, se posicionar nas trincheiras da revolução do desmantelamento do patriarcado demanda pensarmos a sororidade e a dororidade como remoção do elemento patriarcal que definiu a rivalidade entre mulheres tendo como efeito a fragmentação de forças, para que seus corpos pudessem ser subjugados de acordo com sua utilização. No que se refere à religião, da forma como se apresenta, esta seria uma pedagogia que está a serviço da construção do pensamento patriarcal. Desse modo, nascer em um corpo biológico feminino significa subalternidade em uma cultura falocêntrica, mulheres estarão prisioneiras de determinados papéis e funções de

cuidado para que os homens floresçam em suas carreiras e projetos existenciais. As doutrinas religiosas impregnam desde cedo meninas com a lógica patriarcal da servidão e subjugação como virtudes do feminino qualificado e honrado, um berçário de prisioneiras da aprovação masculina. Em anuência com hooks (2022, p. 113) defendemos que "não é possível haver uma verdadeira transformação feminista em nossa cultura sem a transformação das crenças religiosas".

A expulsão do *Gan Éden* (Jardim do Éden) não foi uma retaliação ou ausência de perdão. Não houve falhas, a desobediência era esperada e fazia parte dos planos. Diante do interdito de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal estava garantida a desobediência. Não houve pecado na relação sexual, O homem e Lilith já se relacionavam sexualmente no *Gan Éden*. Não foi a desobediência o motivo pelo qual o homem e sua segunda mulher foram expulsos, mas o fato de não assumirem responsabilidade diante da interrogação se haviam ou não comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Negar a própria responsabilidade foi o pecado. Não há menção da expulsão da primeira mulher do Jardim do Éden na bíblia canônica. Lilith não negou sua responsabilidade, ela é a chama da natureza indomável e rebelde contra as estruturas e aporta o poder criativo das mulheres livres. O patriarcado deforma o significado de mulher livre como um feminino degradado ou sem valor, em vez de pontuar que a verdadeira liberdade representa a força vital e autonomia feminina. A fração Lilith do feminino está relacionada às mulheres que se dedicam à intelectualidade, às ciências, às artes, à política, as que lutam por um lugar de apropriação no mundo, que anseiam pelo sucesso da realização de seus projetos e defendem sua singularidade. A fração Chava (Eva) do feminino refere-se à participação no pacto da Criação juntamente com o Divino trazendo ao mundo através de seus corpos e psiquismo, o exército que compõe a humanidade. O útero é o portal da não existência para a existência. Assim como o bebê é expulso do útero após nove meses, o homem e sua mulher foram expulsos do Jardim do Éden e lançados ao mundo para amadurecer e desenvolver o senso de responsabilidade que lhes faltou. Pensando a composição de femininos híbridos em nosso tempo, em que podemos ser pais e mães de filhos não biológicos e em que nossa intelectualidade não precise ser sacrificada, Lilith e Chava podem coexistir na mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amadurecimento psíquico é doloroso, da mesma forma que as fases de maturação de um bebê são custosas. A entrada de ar nos pulmões, o funcionamento do aparelho digestivo, as cólicas, a introdução de alimentos sólidos, o incômodo da dentição que irrompe, a sensação de desamparo; esses processos de desenvolvimento e amadurecimento não são perceptíveis como sofrimento para quem cuida. Do mesmo modo "com dor darás à luz filhos" e "no suor do teu rosto comerás o teu pão" dizem respeito aos inúmeros partos de si, às intermináveis construções de um novo eu a que seres humanos incorrem ao chegar ao mundo. O amadurecimento demanda trabalho, perdas, fracassos, colheitas perdidas, até que se aprenda a trabalhar a terra da existência. As contrações do nascimento que expulsam a criança do ventre começam assim que o casal do Éden prova do fruto do conhecimento do bem e do mal, uma vivência que só seria possível mediante a desobediência. As alegorias bíblicas aqui apresentadas e difundidas no ocidente são trazidas não como sobreposição de saberes superiores, mas como referências de pedagogias culturais cujas interpretações foram distorcidas e adaptadas por agentes de opressão.

O estudo buscou identificar os mecanismos simbólicos que articulam sexualidade, poder e violência, além de discutir os efeitos psíquicos e sociais dessas pedagogias na constituição das relações de gênero. O enfrentamento da violência patriarcal exige não apenas intervenções sociais e políticas, mas também uma revisão crítica dos fundamentos simbólicos que estruturam a cultura, incluindo as interpretações religiosas. A desconstrução dessas pedagogias implica a abertura para novas formas de subjetivação que integrem vulnerabilidade, alteridade e igualdade de gênero. O que está posto é o mal-estar social contemporâneo em progressão diante da masculinidade que é vivenciada como um exercício constante de poder**.** As pedagogias do patriarcado se apresentam refinadamente como simulacros do bem. Nesse contexto, a religião é utilizada como pedagogia de controle que perpetua os mecanismos de dominação transformando comportamentos de opressão em normas aceitáveis de convivência.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A DOMINAÇÃO MASCULINA: a condição feminina e a violência simbólica.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

DOREY, Roger. **La relation d'emprise**. Nouvelle Revue de Psychanalyse, Paris, n. 24, p. 117-139, 1981.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905).** In . Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 7, p. 119-231.

_____. **SOBRE A MAIS COMUM DEPRECIAÇÃO NA VIDA AMOROSA: contribuições à psicologia do amor II** (1912). In: _____. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. v. 9, p. 352-356.

HIRIGOYEN, Marie-France. **A VIOLÊNCIA NO CASAL**: **da coação psicológica à agressão física.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **ASSÉDIO MORAL**: **a violência perversa no cotidiano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HOOKS, bell. **O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO**: **políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

_____. **A VONTADE DE MUDAR: homens, masculinidade e amor.** Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2025.

JABLONKA, Ivan. **HOMENS JUSTOS: do patriarcado às novas masculinidades.** São Paulo: Todavia, 2021.

KIMMEL, Michael. **MASCULINIDADE COMO HOMOFOBIA: medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero.** Revista Equatorial, v. 3, n. 4, p. 97-124, 2016.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MATHIEU, Nicole-Claude. **L'ANATOMIE POLITIQUE 2: usage, déréliction et résilience des femmes.** Paris: La Dispute, 2014.

MELAMED, Meir. **A lei de Moisés e as Haftarot**. 5. ed. São Paulo: Irmãos Gibin, 1989.

MORDINI, Stefano (dir.). **Garotos de bem** (La scuola cattolica). Itália: [s.n.], 2021. Filme.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A COR DO INCONSCIENTE: significações do corpo negro.** São Paulo: Perspectiva, 2021.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

RACAMIER, Paul-Claude. **Les perversions narcissiques**. Paris: Payot & Rivages, 2012.

SERFATY, Patrick. **PAIS GENTILMENTE NARCISISTAS: a violência silenciosa do desamor.** Curitiba: Appris, 2024.

SICUTERI, Roberto. **LILITH: a lua negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

STOLTENBERG, John. Vers la justice de genre. In: SNODGRASS, John (org.). **FOR MEN AGAINST SEXISM: a book of readings**. [s.l.: s.n.], 2016. Disponível em: https://scenesdelavisquotidien.com/2016/08/30/vers-la-justice-de-genre/. Acesso em: maio 2024.

STOLTENBERG, John. **REFUSING TO BE A MAN: essays on sex and justice.** Rev. ed. London; New York: UCL Press, 2025.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

ZANELLO, Valeska. **SAÚDE MENTAL, GÊNERO E DISPOSITIVOS: cultura e processos de subjetivação.** Curitiba: Appris, 2018.